

POR QUE ESTUDAR O PENSAMENTO MEDIEVAL?¹

WHY STUDY MEDIEVAL THINKING?

Hermógenes Harada²

RESUMO

Neste texto a necessidade e importância de estudar o pensamento medieval. Ele mostra que a disposição para o uso do estudo em vista de valores positivos para o homem de hoje não apreende fundamental e essencialmente o significado não interesseiro, não instrumentalizável e próprio do estudo. Quando considerado na perspectiva da *busca radical da verdade*, o estudo do pensamento medieval tem um sentido muito profundo em si mesmo, mesmo que tudo isso não servisse para melhor compreender o homem hoje. A pergunta que se coloca é: que tal se o medieval for para nós as raízes que penetram na terra do pensamento humano? Se assim o for, o estudo do pensamento medieval se torna uma tarefa necessária para a nossa identidade hodierna, para abraçar o nosso engajamento hoje, ele mostra nossa tarefa: a responsabilidade de conquistarmos a identidade do homem hodierno.

Palavras-chave: Medievalidade. Estudo. Busca da Verdade.

¹ Este texto foi atualizado e adaptado para sua publicação pelo Professor Fr. Antonio Joaquim Pinto, FAE Centro Universitário. *E-mail*: antonio.pinto@bomjesus.br

² Doutor em Filosofia pela Universidade de Friburgo. Falecido em 2009.

ABSTRACT

In this text, Harada presents a provocative text in the sense of summoning to reflect on the necessity and importance of studying medieval thought. He shows that the disposition to use the study in view of positive values for man today does not fundamentally and essentially grasp the non-self-interested, non-instrumentalizable and proper meaning of study. When considered in the perspective of the radical search for truth, the study of medieval thought has a very profound meaning in itself, even if all this does not serve to better understand human being today. The question that arises is: does not the medieval represent for us the roots that penetrate the land of human thought? If so, the study of medieval thought becomes a necessary task for our present identity, to embrace our engagement today, and it shows our task: the responsibility of winning the identity of man today.

Keywords: Medievality. Study. Search for the Truth.

Frente ao mundo em que estamos e que somos, pode-se questionar: por que estudar em nossos dias o pensamento medieval, se ele ocorreu há tempos atrás? Considerando a exigência de ter de academicamente dar conta de disciplinas, de um acervo, isto é, de uma programação sobrecarregada de saber, dita necessária para melhorar nossa formação, nosso perfil de pessoa bem informada e em dia com as coisas, não seria muito mais premente, útil, sim, interessante e imprescindível, gastar o tempo e empenho para conhecer e aprender a lidar com vários fenômenos do nosso tempo, nossa época, ou seja, com o que é nosso, capacitando-nos, assim, para o diálogo com o homem de hoje, indo ao seu encontro com a possibilidade de uma orientação firmada no pleno conhecimento de causa e na competência?

Mostrar a uma pessoa e fazê-la convencer-se da necessidade e da grande utilidade do estudo do pensamento medieval, ainda que exatamente para conhecer o homem de hoje, é tarefa árdua e, se calhar, estéril, uma vez que o pensamento dela se dá num nível de compreensão tão vago de história, de estudo, de saber, de formação, de atuação e de análise da situação, como se evidencia na questão acima formulada. Com efeito, nessa pretensa inquietação, nesse problema artificial operam as seguintes pressuposições:

- Mede-se a *atualidade do pensamento* com a atualidade *cronológica*. O hoje é entendido aqui como aquilo que cronologicamente se dá agora, no século XXI. Ignora-se, portanto, que o que é atuante realmente no sentido profundamente *humano* pode não coincidir com o atual cronológico.
- É vaga a compreensão de atualidade e de atuação. Detecta-se, no entanto, como atualidade e atuação se confundem com aquilo que aparece, com o que tem vez, com o que é tido como *atuante na publicidade*, a saber: o que aparece na superfície do nosso tempo, na *opinião pública*. Mas: será que o que é realmente atuante vem da superfície da opinião pública? O hábito do público, do senso comum, do funcional impede perscrutar a vigência, o vigor do que atua escondido, veladamente, bem fundo, no subterrâneo da época.

- Por mais que pareça encerrar uma sincera interrogação, não traz à tona a clareza do que significa *conhecer* vários fenômenos do homem de hoje. Parece ter uma ideia ingênua de que conhecer é ter informações *sobre*. E parece não conhecer bem que as assim chamadas informações sobre o homem de hoje são um *emaranhado* tremendamente complexo, sim, confuso, de hipóteses, opiniões, colocações e ideologias ressonantes de perspectivas diferentes, com diferentes pressuposições não analisadas, cujas unidade e articulação não podem ser descobertas sem mais nem menos, fazendo valer apenas a disposição em receber e acumular informações, dados sobre esses fenômenos.

Tecidas essas poucas considerações preliminares, há que se retomar a pergunta que nos preocupa, afirmando que nela o estudo não está radicalmente em questão. A suspeita é de que o estudo é apenas considerado como uma preparação para o exercício de uma atividade. Algo como um meio instrumental para exercer com competência um trabalho, ou seja, práticas certas, seguras e justas que sirvam para transformar positivamente a vida, o homem de hoje.

Na verdade, essa disposição para o uso do estudo em vista de valores positivos para o homem de hoje não apreende fundamental e essencialmente o significado não interesseiro e, por isso, não instrumentalizável, incomparável e próprio do estudo. Na dinâmica de seu dar-se, em seu próprio fazer-se e tomar corpo, o estudo perfaz em si mesmo, traz nele mesmo uma função altamente formativa, inteiramente própria, que se revelaria útil e necessária, mesmo que não tivesse depois nenhuma aplicação de uso real em uma prática, em um trabalho, atividade de engajamento funcional e instrumental. Com outras palavras, isso é um modo decisivo de dizer ou radicalmente esclarecer o que a pergunta, colocada como ponto de partida, não expôs, desconsiderou em sua pretensa preocupação, a saber: o estudo, por exemplo, do pensamento medieval, se considerado na perspectiva da *busca radical da verdade*, teria sentido muito profundo em si mesmo, ainda que tudo isso não servisse para melhor compreender o homem hoje.

Mesmo que se considere o estudo apenas como um meio para uma atividade de hoje, ou seja, supondo-se que estudo servisse à aplicação, à eficiência, isto é, à ação e transformação do homem de hoje; e, que, portanto, faz-se necessário não perder tempo com o medieval, mas sim com o moderno, como acima mencionado, não resta garantido que o estudo do homem moderno há de se aplicar, há de funcionar, há de ter qualquer eficiência real e prática caso eu não consiga acertar realmente a *verdade* do homem moderno. Foi entre e antevendo isso que o estudo tem de ser considerado em sua estruturação ou dinâmica de ação própria, pois para acertar a verdade de uma coisa não adianta muito amontoar informações sobre informações. É necessário *pegar no pulso*, atingir o ponto nevrálgico a partir do qual se dão mil e mil diferentes e, muitas vezes, disparatadas manifestações do homem moderno. Mas para isso se faz mister abordar tanto a história – ontem, hoje, amanhã – de uma forma mais radical, e compreender o conhecer e o saber como algo muito mais engajado com a busca incondicional da verdade, e de modo algum ser confundido com a posse de erudição, com o domínio de técnicas, com uma reserva de informações, sobretudo com o domínio da “cultura” para ser aplicada, para servir a uma prática transformadora que pareça elevada, nobre.

Usualmente consideramos a história como uma sucessão de épocas, cada época tendo a sua maneira própria de ver, sentir e agir. Assim, a época medieval é algo do passado, bem diferente da época moderna, que é algo do presente. O que vale no concreto é o presente. O passado só tem sentido na medida em que seja útil para o presente.

Essa maneira de considerar a história, no entanto, enfoca a história como se fosse um percurso cultural que pode ser visto de fora, numa *visão panorâmica*. É como se estivéssemos olhando uma paisagem variada de cima, de um helicóptero, apontando para a cultura grega, cultura medieval, cultura moderna etc., para seus valores, seus desvalores, suas utilidades e inutilidades em referência à época moderna, a qual também olhamos de cima. Essa maneira de encarar a história pode ser uso de quem faz uma investigação cultural, etnológica etc. Mas há em tudo isso, nessa *pretensa objetividade*,

algo de *indiferente*, algo de *alienado*, sim, algo de “burguês”, algo de *irresponsável* para com o fenômeno da história como a *concreção da existência humana*. Pois quem olha os diversos caminhos de uma paisagem, pairando por cima dela, como em um vôo de helicóptero, ou seja, numa vista panorâmica e de cima, está, na realidade, *vendo* uma paisagem, sim, mas num modo de ver todo especial, bem diferente e talvez inadequado ao *próprio caminhar* na estrada. Está vendo-se de um jeito e não está caminhando terra a terra num caminho real lá embaixo. Mesmo que se examine o caminho, e os caminhos lá embaixo, com o interesse de estudar do alto, com uma visão bem ampla para, só então, depois, caminhar bem, é questionável se isso é possível a partir dessa observação de espectador, como se estivesse vendo do alto, panoramicamente.

Para se ver bem o caminho, talvez seja necessário engajar-se *num* caminho e, em caminhando esse um caminho, abrir-se, a partir de dentro, para um conhecer o seu e os outros caminhos. Com outras palavras, *ver panoramicamente* o caminho ou os caminhos é uma coisa bem diferente de *caminhar o próprio caminho* que, sempre e inexoravelmente, é único, é este, dá-se aqui enquanto um modo de ver o que é, como é, o caminho e os caminhos, em assim caminhando.

Para termos um real conhecimento da nossa época como caminho e poder falar sobre a utilidade para hoje do estudo da época medieval – que é também um caminho –, é necessário ver bem essas duas maneiras inteiramente diversas de abordar a história, aqui peculiarmente referida ao nosso interesse, a saber: o estudo do pensamento medieval.

Quando na formação acadêmico-universitária estudamos as épocas muito antigas, seus valores e culturas, em que sentido nos referimos ao passado? No estilo da visão panorâmica? Ou no estilo do engajamento historial? Quando nós, os automeados *hodiernos*, falamos de um São Francisco de Assis, de um Alexandre de Hales, de um Tomás de Aquino, de um Alberto Magno, de um de um Eckhart, de um Duns Scotus, de um São Boaventura, de um Guilherme de Ockham, de um Rogério Bacon, de um Nicolau de Cusa, de um Roberto Grosseteste etc., seria a abordagem objetivista científico-historiográfica, que considera

tudo isso com a historiografia de um espectador panorâmico de uma cultura da época passada, realmente adequada e suficiente para essa *realidade que, queiramos ou não admitir, somos nós realmente*, pois em todo engajamento com a nossa própria coisa, isto é, com nossa causa, lidamos com a nossa própria identidade, somos à mercê do sangue e herança do nosso historiar-se? Não é assim que a “objetividade” – a verdade real – da história exige que ela jamais seja tratada como um panorama ali estendido coisístico-estaticamente diante de mim? Antes, pelo contrário, ela sempre de novo deve ser compreendida não de fora, lá de um mirante, mas sim de dentro, como o nosso destino, nossa herança, a nossa porção, na qual estamos enterrados até o pescoço na participação, de tal sorte que nenhuma coisa do passado jamais deixe de ser a nossa causa atual e que nenhuma coisa de hoje possa ser desligada de ontem e que o próprio ontem jamais venha a ser algo que já se passou; ao contrário, ela não deveria ser redescoberta, revivida, recriada em suas possibilidades ocultas, sempre de novo? Se o passado é a nossa herança viva, de acordo com o modo como entendemos, o “o *que fazer com ele*” não é nenhuma tarefa do passado, mas sim a tarefa mais importante do presente na criação de um futuro vigoroso.

Desse sentido somos convocados a comungar ao lermos sua atuação na seguinte composição do poeta Johann Peter Hebel (nascido em 1760, em Basel; pastor protestante; falecido em 22 de setembro de 1826) acerca do próprio da existência humana:

Nós somos plantas
queiramos ou não de boa vontade admiti-lo.
Da terra devemos subir com as raízes
para poder florir no céu e trazer frutos³.

“*Nós somos plantas*”, isto é, seres vivos que vivemos encrostados, presos, engajados, inseridos na terra dos homens. O nosso querer, a nossa liberdade é um apanágio, uma dignidade, um dever, uma tarefa e, ao mesmo tempo, uma liberdade concreta-finita, isto é, engajada na

³ “*Wir sind Pflanzen, / die wir moegen’s uns gerne gestehen oder nicht, / Mit den Wurzeln aus der Erde steigen muessen, / Um in Aether bluehen und Fruechte tragen koennen*” (HEBEL, 1940, p. 314).

necessidade real da terra, onde não temos a mordomia fácil da escolha de acordo com o bel-prazer de nossos andares e de nossos gostos, mas uma busca árdua que devemos assumir com o fito de progredir, a fim de nos libertarmos à possibilidade nova do futuro, lançando no presente raízes profundas na terra do passado, na herança de nossas origens e de nossas finitudes. É só assim que florimos e nos carregamos de frutos.

Daí nos vem a necessidade de ponderar: que tal se o medieval fosse para nós as raízes que penetram na terra do pensamento humano? Se assim o for, o estudo do pensamento medieval se torna uma tarefa necessária para a nossa identidade hodierna, para abraçar qual seja o nosso engajamento hoje.

Só que para uma tal penetração nas raízes de nossa origem, é necessário desenvolver um modo próprio de análise e estudo bastante diferente e muito mais penetrante, rigoroso e exigente do que o que se faz usualmente ao estudarmos os medievais sob o aspecto histórico, arqueológico, sociológico, literário etc., pois trata-se de um estudo rigoroso para detectar, captar e descrever o vigor dinâmico atuante no fundo da época medieval como experiência radical humana que sempre de novo pulsa na raiz da nossa consciência moderna.

A dificuldade e objeção contra um estudo do pensamento medieval no dia de hoje, no entanto, expressam ou podem expressar uma real e sincera preocupação com a nossa identidade como homens do século XXI. Cada época tem a sua identidade inalienável. É uma tarefa sagrada, é responsabilidade do engajamento humano sermos aqui e agora homens que assumem as vicissitudes da identidade de ser homem de hoje.

Mas, por outro lado, retomando o que já foi de algum modo mencionado, a insistência em estudarmos o pensamento medieval é também uma expressão, ou pode ser uma expressão, não menos sincera e autêntica do que essa agora acenada, a saber: a responsabilidade de conquistarmos a identidade do homem hodierno. É que esta tarefa elementar do estudo de nossas raízes enquanto engajamento *participativo* desdobra-se como a busca de sermos mais profundamente homens de hoje. Isso quer dizer: não existe hoje sem ontem.

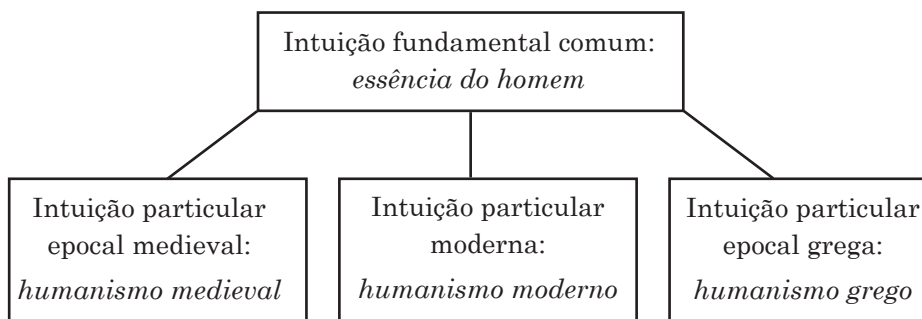
Assim, deixando de lado as contraposições ingênuas dessas duas posições provenientes de preconceitos e concepções superficiais, seguidas sem nenhum exame mais profundo de suas pressuposições, tenhamos em conta que há aqui uma questão “eterna” que nunca foi resolvida de modo suficiente, mas que pode propiciar orientação à nossa investigação. Essa questão encontra-se formulada em diversos binômios como, por exemplo: *singular e universal, particular e comum, sincronia e diacronia, continuidade e descontinuidade ou ruptura na história, dialética da história etc.*

Trata-se, na verdade, da seguinte questão: cada época da história, principalmente épocas marcantes como a medieval e a nossa, tem a sua própria identidade. Em sua constituição *sui generis*, cada época se abre como todo um mundo de significações, valores, costumes e concepções; encerrando cada uma delas a sua própria lei, sua própria estruturação, a sua própria lógica, seu próprio processo elucidativo de si mesmo e de outras épocas, a sua própria valência; de tal sorte que uma época não pode servir de medida para a outra. Cada época tem, pois, a sua intuição originária própria. Assim sendo, se quisermos realmente penetrar até o fundo de nossa época moderna e conhecer a fundo o homem de hoje, é necessário estudar de tal forma que consigamos atingir essa intuição originária da época hodierna, ou seja, assumir a tarefa de poder e precisar ser contemporâneo de si mesmo; em suma: o estudo deve ser desde dentro, quer dizer, desde o lugar em que já nos descobrimos sentados. Nesse sentido, estudar a fundo o medieval parece não nos ajudar em nada a compreendermos o moderno. Isso soa assim: os medievais e nós são intuições fundamentais inteiramente diferentes.

E, no entanto, tanto a intuição fundamental medieval como a intuição fundamental moderna têm referência a algo em comum, pois tanto numa época como na outra, trata-se de intuição que, no fundo, diz respeito à compreensão do que seja o homem na sua verdade. Assim, entre uma experiência e outra não pode haver discrepância e ruptura de monta tal que signifique dizer: uma época não tenha nada a ver com as outras. Deve, pois, haver uma continuidade, uma conquista comum, uma compreensão universal, para além ou para

aquém das compressões particulares epocais. E, como há pouco dissemos, a continuidade pode se colocar em forma de uma espécie de fundamentação: o mundo medieval como fundamento e raiz do mundo moderno, seja ele entendido como quiser, seja esse entendido como se queira: continuação, ruptura, ou antítese.

Desse percurso esboçado, podemos, todavia, perguntar: como entender tudo isso mais concretamente? Usualmente, essa controvérsia é resolvida tendo à mão um modelo onde se coloca o comum, o universal acima de cada estruturação singular epocal, mais ou menos ou como num esquema que profile forma e suas concretizações, ou forma e conteúdo, ou essência e individuações, ou corpo e as vestimentas etc.



Esse esquema, entretanto, é abstrato e não leva a sério a diferença de cada época, pois as diferenças são consideradas como acidentes da concreção, algo como moldura, vestimenta, expressão e manifestação particularizadas de algo comum que, enquanto essência, permanece a mesma. Mas, em que consiste essa “essência” comum que existe, ocorre como fato para além de todas as diferenças? Evidencia-se, assim, que esse comum, por sua vez, torna-se geralmente tão abstrato que acaba, na realidade, por nada significar.

Daí que, nesse modelo, mostra-se quase indiferente se sou grego, medieval ou moderno, pois as diferenças são apenas uma espécie de roupagem diferente cobrindo um corpo que, na sua essência, permanece sempre igual.

Hoje, porém, toda essa questão parece estar sendo orientada para uma estruturação muito mais concreta, onde começamos a vislumbrar

uma abordagem da história que tenta tomar a sério as diferenças epocais. Ao mesmo tempo, busca-se a identidade da experiência fundamental, uma abordagem que tenta ser mais adequada para com o modo de ser próprio da história como concreção da existência humana.

Segundo essa orientação, o *ser-homem* geral só é na medida em que se dá como concreção cada vez epocal, na pregnância de um determinado mundo cultural. Essa concreção a modo de mundo epocal não é uma ocorrência – um fato-coisa –, não é uma evolução a modo de uma semente que ali jaz e se desenvolve, mas sim o destinar-se de uma decisão fundamental da existência humana, a partir e dentro da qual o homem vem a si como uma bem determinada possibilidade de *ser-mundo*; possibilidade que abre todo um mundo de significações da vida, faz surgir todo um mundo de valores e metas que estruturam uma bem determinada ordenação, com suas leis e pressuposições; em resumo: um determinado modo de ser com suas objetivações.

Com outras palavras, cada época, na totalidade de suas implicações, naquilo que ela é e não é, é obra e, ao mesmo tempo, expressão dessa decisão fundamental. O homem não é, pois, algo que ocorre através da história como uma coisa enucleada que vai mudando o seu aspecto conforme a época, qual um corpo que vestisse diferentes roupagens conforme as diferenças das estações, conservando um núcleo igual, permanente, chamado substância ou “natureza”. A natureza do homem é, antes, a decisão da responsabilidade de ser como época, isto é, como abertura do acolhimento, do cuidado e da elaboração do toque do ser, na qual e mediante a qual, sempre de novo e cada vez, lança-se à possibilidade de um mundo novo, uma nova tentativa, um novo desafio e uma nova esperança de vida. Mas é nesse desabrochar singular e epocal da possibilidade de ser que cada época lança raiz no fundo de si mesma, ou melhor: lança-se para lá donde lhe advém o toque do ser, e, nesse aprofundar a identidade genética de si mesma, cada época, na sua diferença, desvela cada vez de novo e *sempre-o-mesmo*, a insondável e inesgotável cordialidade imutável do mistério do ser. O que chamamos de universal, de essencial ou fundamental, o que chamamos de natureza, sempre permanente e comum em todas

as épocas, não é uma coisa, um fundo factual ocorrente, mas, sim, esse momento real e dinâmico de recondução, o movimentar-se dinâmico da estruturação de cada época para a insondável fonte de sua genética; fonte essa que transcende, na sua inesgotável riqueza de possibilidades inéditas, toda e qualquer concreção epocal.

Dizemos: cada época somente é época e mundo bem determinado, finito – na sua identidade singular –, enquanto é sempre mais do que a si mesma como esta ou aquela concreção epocal. E o insondável abismo da presença do mistério do ser jamais é atingível, captável em si mesmo, sem a mediação de cada concreção epocal, assumida como única possibilidade aqui e agora. A presença do mistério do ser como fonte de possibilidade só toa na percussão de cada nota epocal de uma bem determinada entoação concreta singular. Assim, cada época entoa sempre de novo e novo o mesmo na sua diferença; e cada diferença só é entendida como diferença na medida em que, ao entoar o mesmo, nesta ou naquela diferença, deixa ao mesmo tempo ser a diferença de outras épocas como uma bem-sucedida, condescida possibilidade do mesmo. Isso quer dizer que, por sua vez, cada entoação epocal, se bem entoada na sua identidade diferenciada, deve, concomitantemente, entoar todas as outras entoações epocais na sua diferença própria, para que dessa e nessa comunidade de ponderação diferencial nos aproximemos sempre de novo, cada vez mais, da força geradora e regeneradora do mistério do ser, em cuja mercê cada época é o que é na sua autenticidade.

Desse desdobrar-se desprezioso e mal consumado da investigação como uma simples tentativa de acompanhar em que sentido a história apresenta sua estruturação própria, possamos talvez dizer:

- Para ser e entender-se a fundo como homem de hoje, para ser e se entender humanamente hodierno, não basta estudar os dados de nossa época, coletando-os como informações. Não basta estudar e observar os fenômenos ocorrentes da atualidade. Faz-se antes necessário buscar tudo o que hoje nos é oferecido sondando o sentido fundamental do ser que

tudo ordena, aciona e coordena toda essa reserva de dados e fenômenos. É necessário auscultar os sinais dos tempos, isto é, a intuição fundamental e genética da nossa época.

- Mas, na medida em que nos aproximamos do fundo genético de nós mesmos como homens de hoje, começamos a sentir uma presença oculta, dinâmica e fontal do sentido do ser que é mais do que o que fomos, somos e seremos na nossa época.
- Esse sentido transcendental, no entanto, não é um dado pronto, fixo, mas sim algo como perspectiva de profundidade insondável, em cujo abismo começamos a vislumbrar possibilidades inéditas, para além ou para aquém das possibilidades atuais da nossa época.
- Esse vislumbre desperta em nós a necessidade de estudar e sondar a fundo o fundamento genético de outras culturas diferentes, de outras épocas; a necessidade de fazer aparecer as outras épocas, não na perspectiva da nossa época, mas na identidade diferente delas mesmas, para então, através dessa diferença epocal de outras épocas e de outras culturas, penetrar e transcender mais a fundo a nossa própria época e abrir no fundo de nossa própria epocalidade novas possibilidades, alternativas não mais possíveis se ficarmos apenas conosco mesmos.
- Assim, quanto mais fazemos percutir o fundo de outras épocas na sua própria diferença, captamos nessa percussão a repercussão da insondável fonte criadora do ser que é também a força geradora e regeneradora da nossa própria época.

Essa atitude de começar a estudar as diferentes épocas na sua repercussão de fundo gera em nós a percepção de que uma época jamais é apenas uma época na unidimensionalidade chata e abstrato-generalizante do “presente”, do “atual”, do “hoje”, mas, sim, entroncamentos, cruzamentos, congelamentos, empacotamentos, camadas de diferentes níveis, princípios, iniciativas, dimensões plenamente ou semidesenvolvidas ou implícitas; um campo riquíssimo

e complexo, onde as épocas não se enfileiram em uma impecável sequencialidade, ou seja, na abstrata série cronológica do passado-presente-futuro, mas interpenetram-se uma na outra, como síntese, antítese, como ruptura, como desenvolvimento, como fundamentação, cada vez diferente. O que era do passado pode estar presente no hoje da nossa própria atualidade como possibilidade alternativa ainda oculta ou já esquecida do futuro, constituindo uma tarefa não somente do momento que ora se concretiza, mas também do futuro enquanto estruturação do jogo de destino e de destinação.

Nessa perspectiva, os grandes pensamentos do passado são sondagens altamente bem trabalhadas, de penetração no fundo abissal do mistério do ser, donde brotam as diferentes possibilidades epocais. Sondagens essas que, com o correr dos tempos, foram entulhadas de preconceitos, dogmatismo, de tal sorte que o que se constituía originalmente como uma experiência avançadíssima na penetração da compreensão da vida, do universo, do homem, chegou até nós apenas como vestígios de um conhecimento outrora grandioso.

Voltar a estudar essas tentativas não é voltar para trás, não é reprisar o passado; antes, pelo contrário, é avançar para uma experiência altamente bem trabalhada, cujo alcance e penetração podem estar na verdade muito além de tudo que nós conseguimos alcançar com as nossas possibilidades. Daí ser uma tarefa de toda e qualquer época voltar ao passado originário, de tal sorte que essa volta se torne também a chance do futuro originário.

Retomando a questão inaugural de nossas reflexões, agora perguntamos: valeria a pena estudar hoje o pensamento medieval? Tem sentido ainda hoje dedicar-se novamente ao estudo do pensamento medieval? A resposta, em vez de dar-se no teor de uma resolução, transforma-se perguntas decisivas:

- Até que ponto nos responsabilizamos pela busca da verdade quando, ao questionar a validade de uma grande experiência do passado, deixamos sem questionar a própria compreensão que temos da história, a compreensão usual preconcebida do

que seja passado, presente, futuro; em resumo, a compreensão essencial do tempo?

- Até que ponto assumimos a responsabilidade pelas grandes experiências e intuições do passado, fazendo jus ao que foi concebido – e nos foi legado – como fruto da dureza da vida, conquistado com o suor e o sangue do trabalho de toda uma geração?
- Até que ponto estamos nós conscientes do ofuscamento proveniente da pretensão de superioridade científica da nossa época que alicia nosso olhar, condicionando-nos a depreender o passado como algo ainda pouco desenvolvido, algo ainda no estado de incoação, e, desse modo, levando-nos à arrogância de passar por cima, sem sequer perceber, ver com acuidade nessa herança a vigência de experiências e intuições avançadíssimas referentes ao sentido da vida, cuja existência e possibilidade hoje nem sequer conseguimos suspeitar?
- Ainda que reconheçamos a intuição originária, única, revolucionária mesmo, de pessoas forjadas numa compreensão inaudita do humano, como São Francisco de Assis, por exemplo, como podemos, a priori, colocar em dúvida, entremostrear hesitação ao perguntar se vale ou não vale a pena, hoje, estudar o pensamento medieval?

O problema, se calhar, não reside tanto no medieval, ou no escolástico, ou no patrístico, ou no grego. O grande problema não é propriamente o passado, mas, sim, o que constitui a verdade do presente, em cuja intensidade de ser se coloca o hoje, o presente como critério de verdade e de atualidade.

Assim, no que segue, inspirados por um exemplo, tentemos ver como o medieval é realmente atual hoje.

Encontrar um exemplo assim de imediato não é tarefa fácil, uma vez que, para mostrar toda essa dinâmica riquíssima da estruturação da história, seria necessário um arrematado estudo que fizesse jus ao que aqui foi apenas delineado. E, nesse sentido, não há um estudo pronto.

Trata-se de um campo novo de experimentação. Porém, se de alguma forma se pudesse dar um exemplo “chutado”, seria mais ou menos o que já há muito tempo li, insinuado num livro japonês, intitulado *São Francisco de Assis*, da autoria de Shitamura (ou Shimomura) Torataroo. Parece que o autor é um medievalista conhecido no Japão. Para Shitamura, a experiência ou a intuição originária da pobreza de São Francisco é uma experiência de encontro corpo a corpo da criatura com o Absoluto. Assim sendo, o sentido originário de pobreza, no qual é e está o singularmente medieval Francisco de Assis, concretiza-se na radical *nihilidade* do humano ao entregar-se ao absoluto de Deus sem qualquer mediação, numa radical facticidade de contato imediato: a factualidade.

Essa tese originária e única não era um saber, um vivenciar. Era um fazer, um fato, uma espécie de trombada físico-material; um contato empírico.

Tal factualidade nua e crua foi então espiritualizada por São Boaventura com seu saber escolástico. Com efeito, essa espiritualização se deu de tal sorte que, em vez desse fazer empírico factual, começou-se a conduzir a compreensão da pobreza para um sentido místico-contemplativo, ou seja, tentando entender a intuição originária da pobreza a partir e dentro da compreensão espiritual-filosófico-teológica da Alta-Escolástica. Nesse sentido, o expositor dessa tese considera que São Boaventura, ao compreender assim São Francisco de Assis, aproxima-se mais de Santo Tomas de Aquino etc. No entanto, há uma linha de pensamento que herdou a intuição originária nua e crua de São Francisco de Assis. Foi a escola inglesa, formada e promovida pelos primeiros jovens franciscanos da segunda geração; a saber: aqueles que foram enviados para a Inglaterra, tornaram-se discípulos de Grosseteste e “invadiram” a universidade.

Dessa corrente floresceram sábios pensadores, como Duns Scotus, Guilherme de Ockham, Rogério Bacon etc. Na esteira do que esses franciscanos trouxeram à luz enquanto pensamento, evidencia-se que a inspiração originária da pobreza de São Francisco de Assis não vai na linha da mística nem da espiritualidade, mas se orienta

e desemboca na elaboração da ciência do tipo ciências naturais, isto é, ciências de cunho físico-matemático, isto é, ciências positivas de cunho empirista, positivista. Mas o que tem a ver a experiência nua e crua de imediatez, de entrega radical da pobreza, encarnada em São Francisco de Assis, com a factualidade material-fisicista-empirista das ciências da natureza, cujo predecessor foi, por exemplo, um Rogério Bacon? Pois, panoramicamente, numa visão “desterrada” do caminho medieval de engajamento no pensar, classifica-se: de um lado, temos a experiência espiritual religiosa e de outro, uma experimentação científica material, sim materialista... Mas, pode ser que, aquilo que na experiência medieval se localizava na dimensão religiosa, trazia implícito e oculto dentro do seu bojo uma interpretação própria do universo físico; e vice-versa: naquilo que hoje, na nossa época, se dá como uma mera abordagem objetiva e físico-material, tenha porventura implícito e oculto no seu bojo uma possibilidade religiosa muito mais próxima da experiência franciscana originária medieval etc. Assim, existem conexões ocultas, não ditas, entrecruzadas, não desenvolvidas, entre o mundo medieval e o mundo moderno, que não podem mais ser explicadas como evolução ou continuidade no sentido usual, mas, antes, como uma espécie de ressonância, como repercussões do mesmo em diferentes níveis e lugares etc.

Evidencia-se, portanto, que um estudo assim desempenhado pode levar-nos, por exemplo, a descobrir, exatamente no *nihilismo* avassalador da impostação empirista ou materialista, um estilo próprio de elaborar uma espiritualidade, em cuja compreensão do que é pobreza, do que é entrega etc., nos encontraríamos mais próximos do modo de ser oculto no próprio *nihilismo* de hoje.

1 ALGUNS PENSAMENTOS

1. Na história do pensamento, *voltar ao passado* tem a função de melhor *conhecer o presente* na sua raiz. Pois, se porventura quisermos comparar o presente com a copa de uma árvore, com seus galhos, floração e frutos, então, torna-se claro que o passado tem de ser vislumbrado como seu tronco e sua

raiz. O que hoje já está definido e, até certo ponto fossilizado, estruturado, como óbvio e sem questionamento, como *status quo*, pode estar enraizado no passado, na sua origem ou, até mesmo antes da origem, na plenitude do frescor e de possibilidades abertas. Assim, para se compreender bem a fundo o presente, é necessário voltar para o passado. Isso quer dizer que, para compreendermos o moderno, é necessário estudar bem o medieval que preparou longamente o surgimento do moderno.

2. O pensamento medieval foi uma das tentativas, das mais trabalhadas e bem elaboradas, do esforço do intelecto humano na compreensão do fenômeno religioso cristão. Foi uma época em que gerações da humanidade se dedicaram, de corpo e alma, para penetrar na razão mais íntima do transcendente-divino. O medieval foi a época em que a mística e a busca religiosa receberam a mais alta qualificação especulativa e teórica. Daí que, para os religiosos cristãos, para quem vive na liberdade do homem cristão, essa experiência altamente valiosa da especulação religiosa medieval pode ser recebida como uma herança preciosíssima, tanto para o presente como para o futuro; e que, enquanto experiência da possibilidade do moderno em seu vir-a-ser não convém jamais ser desconsiderada, abandonada.
3. No presente da época contemporânea, onde a denominação unidimensional da era tecnológico-científicista reduz todas as variegadas dimensões do fenômeno humano ao positivismo físico-matemático de uma ontologia funcionalista fisicista, o modo de ser da existência medieval, inteiramente fundada na ontologia artístico-artesanal, traz-nos, transmite-nos, entrega-nos a alternativa de uma maneira de ser mais humana e finita, mais adequada talvez com a terra dos homens.

E isso por que, precisamente no pensamento medieval, na existência medieval, estão depositadas inúmeras e preciosíssimas

experiências, orientações de vida das quais hoje raríssimas vezes temos acesso. Assim, encontraremos nos mestres medievais orientações inéditas para certas áreas da existência humana do tempo presente, orientações sábias, práticas e profundas que não encontramos hoje em nenhuma parte.

4. Com certeza, a maior lição, o maior ensinamento, a orientação que se herda do pensamento medieval consiste em uma sã e fértil compreensão da espiritualidade. Pois, hoje, na espiritualidade, a tendência de nossa orientação está demasiadamente influenciada por uma antropologia de cunho subjetivista. Segundo essa antropologia, medimos, por exemplo, as práticas da oração e meditação descomedidamente a partir de nossas vivências subjetivas. Além disso, não temos mais clareza acerca de experiências religiosas e místicas, uma vez que confundimos todas essas coisas do espírito com fenômenos e vivências psicológicas.

Daí ser decisivo para nós, hoje, ganhar, receber, herdar a vigência desse modo de ser medieval, ou seja, transpor-nos para essa experiência que já somos e a partir da qual se inaugura, funda-se o que nos constitui hoje. Temos então que é preciso aprender do pensamento medieval o próprio dessa dinâmica, desse crescimento de vida enquanto atitude que cultiva, honra, predispõe-se para o acolhimento da transcendência, a dimensão do sagrado como lugar e hora em que já se é assim permeado e perpassado, isto é, performado pelo espírito; como transparece na experiência religiosa dos medievais, no modo de trabalhar de grandes místicos e pensadores medievais: artesanal e objetivamente elaborando textos, escritos que, ao narrar experiências místico-religiosas, trazem em seu bojo, são atravessados por orientações muito clarividentes e bem experimentadas acerca da oração, meditação e iluminação espiritual etc. Por isso, faria um bem enorme à nossa saúde espiritual aprendermos de novo a ler os clássicos medievais da espiritualidade, a fim de nos livrarmos da toxina subjetivista de orientações psicológico-vivenciais da espiritualidade, ou melhor, da pseudoespiritualidade moderna.

5. Hoje, no que se refere à experiência do espírito, o Ocidente busca inspiração e incentivo de renovação na experiência espiritual do Oriente. Existe, assim, sempre mais, a tendência de buscar, por exemplo, na yoga, no induísmo, na meditação zen, no taoísmo uma maneira nova, mais profunda e originária de meditar, sentir, viver etc. No entanto, teríamos, no nosso próprio Ocidente cristão, mestres de iluminação espiritual tão bons, ou até melhores do que aqueles do Oriente: são os mestres clássicos da espiritualidade e da teologia medieval.
6. A grande dificuldade do estudo do pensamento medieval é o modo como atingi-lo. Há certamente muitos estudos acerca do medieval. Estudos, esses, sob diversos aspectos, cientificamente competentes, acionados a partir dos mais diferentes ramos do conhecimento, tais como história, arqueologia, teologia, sociologia etc. Na filosofia, existe uma corrente que recebeu o nome de neoescolástica e que foi promovida intensamente no âmbito clerical, chegando a ser, até pouco tempo atrás, recomendada oficialmente pela hierarquia eclesiástica como a filosofia mais adequada para a formação dos clérigos. Essa corrente tem produzido professores de filosofia e autores de renome. No entanto, por mais competentes que sejam esses estudos e autores, todas essas abordagens neoescolásticas não nos trazem à luz o pensamento medieval como intuição de fundo do horizonte medieval.

Com certeza, essa observação soa muito pretensiosa e, da mesma forma, muito questionável. Pois, como pode alguém que não é especialista nos estudos medievais emitir sem mais nem menos tal opinião? Outrossim: como é possível tal opinião, se forem levados em conta tantos tratados e teses elaborados com aplicação por pesquisadores qualificados em alto grau e de fama mundial na área dos estudos medievais?

Uma questão, no entanto, é digna de ser aqui considerada. O problema não é de competência científica. Não se está questionando, aqui, a competência nem a autoridade científica de todos esses

autores e pesquisadores. Trata-se de uma questão cuja dimensão torna-se extremamente difícil de ser discutida com êxito, pois busca-se refletir acerca da verdade. Como realmente atingir a verdade do pensamento medieval? E o que é a verdade que deve ser ou pode ser atingida através do estudo do pensamento medieval? Em todas as ciências que têm por objeto “material” o pensamento medieval, sob diferentes enfoques, conforme o ponto de vista motivado pelas especializações científicas, qual é a verdade do seu objeto formal, qual é a verdade dos seus enfoques? De onde têm essas especializações a verdade dos seus enfoques e pontos de vista? E, por sua vez, considerando principalmente a assim chamada filosofia neoescolástica, perguntamos: como essa justifica o seu método, uma vez que tenta sistematizar diferentes dados das ciências positivas e das filosofias modernas e contemporâneas? É esse arcabouço teórico-doutrinário, caracterizado pela função de renovação das “verdades” fundamentais da escolástica, o mais apropriado para preparar o ser humano em sua tarefa de atuar na situação de hoje? Portanto: qual é a verdade dos princípios e do método de renovação do pensamento neoescolástico?

7. Expondo uma digressão que, no entanto, encerra uma sincera e autêntica interrogação a todos os interessados pelo pensamento medieval e pelo modo como foi apropriado e transmitido tradicionalmente, cabe-nos afirmar suspeitando: Se calhar, o que acima delineamos, a saber, essa questão nevrálgica não tenha sido jamais colocada devidamente no ensino eclesiástico. Ou será que foi?

No que tange o estudo do pensamento medieval, pressente-se na situação do ensino eclesiástico, hoje, o grassar de uma inautenticidade vital. Pois, embora a neoescolástica defenda um sistema montado a partir de um interesse próprio justificável, e indubitavelmente norteado por e voltado para uma práxis eclesiástica, o modo dessa corrente tratar o próprio do pensamento medieval, faz-nos herdar problemas que, na verdade, jamais se tornam nossos, questões nas quais jamais ressoam um real interrogação nossa, reflexões que, “anestesiadas” em sua verdade, sequer tocam ou fazem parte do drama

vital, da inquietação de vida ou de existência do homem de hoje. Daí que esse “sistema”, digamos assim, jamais tem a força renovadora epocal, pois falta-lhe o vigor e a dinâmica da evidência proveniente da coisa ela mesma da filosofia, isto é, da busca incondicional da verdade e da evidência do pensamento radical.

Assim, a neoescolástica não conseguiu nem sequer trazer à tona aquela força viva e dinâmica que animou a escolástica medieval, cujo pensamento refletia a evidência de uma especulação altamente qualificada no grande elã de busca da verdade. Basta, por exemplo, ler os escritos de um mestre Eckhart, de um Duns Scotus, de um Santo Tomas de Aquino, de um Guilherme de Ockham etc. No entanto, convém salientar que: não tivesse havido esse “sistema” e esse modo de “ensino” neoescolástico, a necessidade do estudo não teria sido, quiçá, levada a sério; não teríamos herdado essa tradição de um enorme elã de pesquisas históricas da Idade Média etc. e, por último, mas não menos importante, não teria sido despertado no âmbito clerical o grande apreço e respeito pelo pensamento e pela razão especulativa.

O esquema de reação hostil à neoescolástica, que subliminarmente operou e ainda está operando no meio eclesiástico, não se deu como um movimento de formação e promoção de um nível de busca e exame crítico do verdadeiro caminho para o pensamento mais radical, mas antes como um conjunto de ações *pro e contra*, acionadas por uma discussão que se referia ao *aggiornamento*. Vem daí todo o exame sobre até que ponto valeria a pena voltar hoje à Idade Média, ou se não seria mais justo deixar o passado ser passado e nos abrirmos à filosofia e às ciências modernas etc.

Começou-se, então, a dividir as tendências do estudo em progressista e tradicionalista. Quem estudava e se baseava na escolástica era tradicionalista. Quem essa rejeitava e se voltava à filosofia moderna era progressista. Alguns, no entanto, tentavam unir harmoniosamente as duas tendências, aderindo à ideia de colocar as doutrinas fundamentais da Escolástica como base, revestindo-as ou complementando-as, porém, com o que de bom e “perene” achava-se nas novas filosofias e ciências etc.

Nessa perspectiva, nessa exigência de ótica já de fora da ação, de fora do fazer, já no desinteresse da questão ou da “coisa” própria do pensamento medieval, a neoescolástica começou a esfacelar-se e caiu no descrédito. Começou-se a estudar cada vez menos, principalmente o pensamento; começou-se a estudar coisas práticas, começou-se a estudar as ciências positivas, tanto naturais como humanas. Aos poucos, a capacidade de pensar começou a ser descuidada e, desde esse abandono do cultivo intelectual, os membros do corpo eclesiástico começaram a pensar cada vez menos, ainda que, nessa perspectiva do de fora, seja incentivado a dedicar-se a “pesquisas”, a buscar sempre mais teorias, doutrinas e estas como um acervo, isto é, como um acúmulo e uma reserva de saber, enfim, alguém sempre disposto a receber informações, dados, a melhorar sua formação no domínio da “cultura”. Mas, se bem considerarmos, veremos que um Santo Tomas, um Duns Scotus, um Mestre Eckhart, um Santo Agostinho, um Orígenes, um Nicolau Cusano, um Angelus Silesius, sim, um irmão Egídio de Assis, um iletrado e simples São Francisco de Assis eram homens que pensavam muito, profundamente, radicalmente, sim, abissalmente. Hoje, com a possibilidade de contar com tanto acesso facilitado a informações e dados, nos vangloriamos de nosso perfil de homem civilizado, bem informado e em dia com as coisas... Com efeito, nós sabemos muita coisa, mas disparatadamente ou, quando longamente adestrados, sabemos bem “sistematicamente”, porém, custa-nos, dificilmente nos dispomos, nos predispomos, hoje, à tarefa de pensar.

8. E, no entanto, para além ou, quem sabe, para alguém de todas as ciências positivas, para além ou, quem sabe, para alguém de todas as vivências e saberes práticos, exista talvez um caminho, bem experimentado, elaborado, sempre de novo reelaborado, um caminho próprio, com suas leis, suas lógicas; um caminho que é a busca de investigação de uma dimensão de fundo, que os antigos chamavam de Espírito, e que a filosofia chamou de Razão – com R maiúsculo. Usando um jargão filosófico, trata-se de um caminho de investigação ontológico

e não ôntico. “Ontológico”, aqui, não deve ser entendido como referente a um determinado saber, dogmatizado em doutrinas tradicionais, forjadas por uma determinada filosofia do tipo realista-objetivista, mas, sim, como sondagem do sentido inesgotável do ser, como a ausculta dos diferentes sentidos do ser que, sempre de novo, de modo multifário, vem à fala em mil e mil diferentes articulações e concreções e em diferentes épocas.

9. Como fazer, pois, para formar pessoas que consigam fazer esse tipo de movimento e investigação? Como organizar uma escola que forme ontólogos nesse sentido? Daí que, em última análise, a questão principal não consistiria tanto em apurar se vale a pena ou não estudar, hoje, o pensamento medieval, mas, antes, em inquirir como formar pessoas que pensem realmente o pensamento de cada época e, nessa disposição, predisposição para o pensar, abram-se para a conquista e encontrem, sempre de novo e sempre novo, o insondável, sempre antigo, isto é, principal sentido do ser.
10. Mas será que todo e qualquer estudo, seja qual for a orientação, bastaria ser sério e empenhado para, de alguma forma, preparar pessoas assim? Ou seria necessário, antes de tudo, uma nova tematização?

REFERÊNCIA

HEBEL, J. P. **Werke**. Ed. por Wilhelm Altweg, Zurique e Friburgo i. Br.: Atlantis, 1940. v. 1.

